



ASSOCIATIVISMO E DESIGUALDADE SOCIAL

BESSA, Maiara Hartwig¹
RIBEIRO, Maria Thereza Rosa²

¹ *Graduanda em Ciências Sociais no Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, 5º semestre. Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq (2008-2009).*

majarahb@hotmail.com

² *Professora Associada I do Curso de Ciências Sociais, ISP / UFPel e do Mestrado em Ciências Sociais ISP / UFPel. Coordenadora / Orientadora do Projeto Cidades Sustentáveis e Desigualdade Social UFPel / FAPERGS / CNPq. tete@ufpel.tche.br*

Introdução

A pesquisa buscou diagnosticar, na cidade de Pelotas, os problemas urbanos enfrentados pelos moradores. Primeiramente investigamos os bairros: Areal, centro/Porto e Fragata. Para tanto, analisamos as condições de existência com que os moradores dessas localidades se deparam e como eles enfrentam esses problemas, o potencial dessas comunidades para ação coletiva através de formas de associativismo, voltado à melhoria das condições de vida.

Temos como base teórica, as leituras dos livros: “O Fenômeno Urbano” de Octávio Guilherme Velho (1979) e “A vida cotidiana no mundo moderno” de Henri Lefebvre (1991). No primeiro, consideramos a metodologia apresentada por Robert Park que nos apresenta a Ecologia Humana. Esta, segundo o autor, estuda a maneira como as pessoas se agrupam e como as instituições vão sendo produzidas numa sociedade, levadas por forças econômicas e culturais que atuam dentro dos limites da comunidade urbana. No livro de Lefebvre (1991), nos apegamos ao conceito de vida cotidiana o qual é considerado pelo autor como composta de repetições lineares e cíclicas, como sendo o lugar do equilíbrio e desequilíbrio sociais, onde as relações sociais se constituem: “A vida cotidiana se define como lugar social desse *feed back*.. Um lugar desdenhado e decisivo, que aparece sob um duplo aspecto: é o resíduo (de todas as atividades determinadas e parcelares que podemos considerar e abstrair da prática social) e o produto do conjunto social” (p.39).

Consideramos os dados da pesquisa do Instituto de Pesquisas de Opinião (IPO) realizada entre os dias 18 e 28 de maio de 2002, os quais apresentam avaliações do Déficit Habitacional de Pelotas. Observamos as informações gerais coletadas entre os segmentos de baixa renda da cidade de Pelotas e também da população não-proprietária (conforme definição do IBGE, são os que não têm imóvel próprio, sejam os que pagam aluguel, posseiros ou moram de favor/cedido em um

domicílio) com renda entre 1 a 3 salários mínimos familiar com referência ao salário mínimo nacional (SM/BR). Observamos as informações referentes aos bairros primeiramente escolhidos. Após partimos para a investigação empírica, começando pela comunidade Navegantes (situada entre centro e Areal), depois visitamos o loteamento Anglo (Centro/Porto) e por último o Fraget (Reunião de Vilas Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza, Treptow) no Fragata.

Metodologia (material e métodos)

Analizamos esses dados referentes aos Bairros: Fragata, Areal / Laranjal e Centro/Porto, tendo em vista o diagnóstico dos problemas urbanos e sociais, especificamente das localidades: Navegantes, situada entre Areal e Centro, Anglo no Porto e FRAGET (Reunião de Vilas Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza, Treptow) no Fragata. O conhecimento da situação sócio-espacial e econômica dos moradores que vivem nessas áreas, nos orientou juntamente com as propostas metodológicas de Robert Park sobre o estudo de comunidade, a elaborar o roteiro de entrevistas e também contribuiu para organizar a pesquisa de campo a fim de realizar o contato com os moradores do Loteamento Navegantes, do Anglo e do FRAGET. A escolha destas localidades deve-se ao fato de estarem em área central na cidade de Pelotas, embora as condições sociais, ambientais, econômicas e culturais correspondam as de área periférica, sobretudo o Loteamento Anglo. Através do Roteiro de perguntas foram realizadas as Entrevistas com alguns moradores e lideranças de Associações de Moradores daqueles bairros.

Resultados e discussão

Visitamos as localidades Navegantes, Anglo e Fraget, com o intuito de observar a realidade do local e entrevistar alguns moradores e líderes de associações. No Navegantes (o qual é dividido em: Navegantes I, II e III), percebemos que o Navegantes I e o II possuem uma estrutura melhor que a do Navegantes III. Neste último, as ruas não possuem calçamento e as ligações de água e luz são ilegais. Enquanto no Navegantes I e no II, existe calçamento, as ruas são asfaltadas, água e luz legalizadas, esgoto fechado (na maioria das ruas). Na comunidade, existe um posto de saúde que atende as três divisões do Navegantes. A associação de moradores do Navegantes I, tem seu estatuto e está registrada em cartório, mas ainda não possui uma sede. Todos os anos, os moradores se reúnem para realização de eventos comemorativos. O Navegantes II também possui associação (Associação dos Moradores do Bairro Navegantes - AMOBAN), esta possui uma sede, onde realizam cursos de alfabetização de adultos, de artesanato para donas-de-casa: tricot, renda, costura etc..

O assentamento Anglo, localizado no bairro Porto, é composto por, aproximadamente, 150 famílias, que se estabeleceram em terrenos considerados de risco. A comunidade não dispõe de saneamento básico, a rede de energia elétrica e o abastecimento de água são clandestinos, as ruas são estreitas, não possuem calçamento, a maioria das casas é construída com material “irregular” – não apropriado para construção de moradias - e o esgoto é aberto. Todo o lixo é jogado no Canal do Pepino que passa ao lado dos terrenos. É comum haver enchentes nessa região, pois o local é baixo, à beira de um canal e não há saída para a água

da chuva. A fonte de renda das famílias é o Programa Bolsa Família e a complementam, trabalhando como catadores. A comunidade possui uma associação de moradores, a qual carece de uma sede e as reuniões são realizadas na rua.

Por último, na comunidade Fraget, existe a Associação de catadores, onde 12 famílias garantem seu sustento, trabalhando diretamente na reciclagem. Além disso, em torno de 60 famílias também se beneficiam ao catar lixo e vendê-lo para a Associação. Os associados reclamam da falta de reconhecimento da mesma pelos órgãos públicos. Enfrentam dificuldades quanto à ausência de infra-estrutura adequada para o funcionamento do local de reciclagem. A Associação oferece curso para alfabetização de adultos. A comunidade consta com um posto de saúde, que atende as vilas Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza e Treptow. Os moradores enfrentam problemas como a falta de saneamento básico, precariedade dos transportes, falta de iluminação e crescimento da violência.

Tendo em vista a análise da reformulação do Plano Diretor da cidade de Pelotas, a partir do diagnóstico dos problemas urbanos localizados na zona centro / periférica e do potencial da comunidade para ação coletiva, considerando o associativismo voltado à melhoria das condições de vida dos moradores e das práticas culturais locais, segue a indagação: O Plano Diretor é de fato um espaço de negociação e intervenção no território que abre aos moradores a possibilidade de reivindicar melhorias à situação precária – falta de saneamento básico, de infra-estrutura etc. - em que vivem e dá visibilidade as desigualdades sociais e aos problemas enfrentados por eles?

Conclusões

Foram realizadas sete entrevistas com os moradores, dentre eles, três representantes: um do Loteamento Navegantes I, um do Navegantes II, um do Anglo e com os membros da Associação de Catadores do Fraget.

Ao entrevistarmos o representante do Navegantes I, ele respondeu que não participou dos fóruns de discussões do Plano Diretor, porque não foi chamado a tal e argumentou: “Talvez por não ter um ponto de referência [uma sede da associação de bairro], eles [Prefeitura e a Câmara de Vereadores] não chamam”. Quando perguntamos a ele sobre o período que encaminham reivindicações à Prefeitura, ele disse: “Todos os anos, qualquer dia. Tenho mais relação com os secretários, porque sou funcionário da prefeitura e também pelo partido. Assim, eles atendem aos pedidos diretamente, na maioria das vezes.” Outros moradores, também, apresentaram pontos de vista parecidos com o da liderança do Navegantes I, não sabem o que é o Plano Diretor e acham que a associação deve ter mais apoio da Prefeitura. Uma das moradoras disse-nos: “Através da ONG CAPA [Centro de Apoio do Pequeno Agricultor] e das reuniões das mulheres, no salão da sede da Igreja Nossa Senhora de Fátima, organizadas pela vereadora do PT, os moradores tomaram conhecimento do plano diretor. No entanto, nunca fomos chamados a participar de nada, eles vinham aqui para apresentar as propostas. Eles propunham melhorias para o bairro e tal, envolvendo o partido político”.

No Loteamento Anglo, o líder da associação de moradores respondeu-nos sobre a frequência das reuniões da associação com os moradores: “Vamos de casa em casa chamar o pessoal, as reuniões são na esquina, pois não temos sede, comparece quase todo mundo, só faltam por motivo de trabalho. Depois a gente vai pra cima do prefeito e também pra Secretaria de Habitação. Quando a gente quer alguma reunião, falo com o vereador do PR que serve de intermediário ao prefeito.

O vereador conseguiu colocar o Anglo no programa do PAC.” E ao ser questionado sobre o Plano Diretor, ele respondeu: “Não, nunca fui chamado para os fóruns de discussão.”

Também entrevistamos a representante do Navegantes II. A respeito da associação, ela disse: “O pessoal [moradores] busca as associações quando precisam recorrer ao poder público... Quanto à assembléia, os moradores nos procuram e marcamos uma reunião para debatermos os problemas e elaborarmos abaixo-assinados ...”. Ao perguntarmos a respeito do Plano Diretor, ela disse: “Não estou bem informada, não sei o que é plano diretor.” Ela comentou a importância da atuação da ONG Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) na distribuição de cesta básica através do Programa Fome Zero, além disso, eles fornecem cursos de capacitação aos moradores. No entanto, a representante da comunidade Navegantes II ressaltou a necessidade de políticas de geração de emprego para inclusão dos moradores no mercado de trabalho local.

Na localidade Fraget, entrevistamos três moradores e uma assistente social que atua na comunidade. Estes disseram que enfrentam problemas na Associação de catadores do bairro, devido à exigência da Prefeitura quanto à regularização do espaço físico onde se realiza o manejo da seleção do lixo. A Prefeitura, segundo eles, estipulou um prazo para a regularização de instalações apropriadas a este trabalho, porém a associação enfrenta problemas financeiros para executar a alteração da planta do estabelecimento. Também falaram que a comunidade já teve um representante no Conplad (Conselho do Plano Diretor), reivindicando verbas para a melhoria da comunidade. A assistente social informou que atuou no grupo temático de Habitação Social – Estudo das Áreas de Interesse Especial Social - formado por arquitetos, geógrafos e assistentes sociais da UFPel, UCPel e da Prefeitura os quais se ocuparam em analisar as áreas de habitação social e em demarcar, no território, os vazios urbanos a fim de contribuir para uma política pública com vistas ao controle e fiscalização uso e ocupação do espaço.

Concluimos que estas associações são importantes, todavia possuem pouca visibilidade no espaço de discussão do plano diretor. A atuação das associações ao tratar dos problemas do bairro e de atividades laborais, reproduz as desigualdades expostas na forma desigual de ocupação do espaço social e de distribuição de recursos para infra-estrutura no local de moradia. Os problemas enfrentados, pelos moradores são compartilhados na vida cotidiana deles e produzem relações sociais cujas representações dão significado ao mundo vivido em virtude da pobreza, da discriminação social, da oposição ricos e pobres, da segregação social etc. Eles procuram solucionar os problemas através da busca de agentes intermediários seja através de políticos de alguns partidos que se voltam a “questão social”, seja em contato com a Prefeitura nas secretarias municipais, contudo, na maioria das vezes não obtém o retorno por parte dos órgãos públicos. Também observamos a falta de divulgação da importância do Plano Diretor, bem como o fato de que as Associações e os moradores não terem sido chamados para participar da discussão do mesmo.

Referencias bibliográficas

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

INSTITUTO DE PESQUISAS DE OPINIÃO (IPO). **Avaliação do Déficit Habitacional de Pelotas - RS**. Pelotas, Junho de 2002.

RIBEIRO, Maria Thereza Rosa. **Projeto de Pesquisa “Cidades Sustentáveis e Desigualdade Social”**. Universidade Federal de Pelotas, 2007.

VELHO, Octávio Guilherme (org. e introdução). **O Fenômeno Urbano**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.